

ÍNDICE DE TEXTO	PÁGINA
I. APRESENTAÇÃO	i/ii
II.1. IDENTIFICAÇÃO DA ATIVIDADE E DO EMPREENDEDOR	II.1-1/2
II.1.1. Denominação Oficial da Atividade	II.1-1/2
II.1.2. Identificação do Empreendedor	II.1-1/2
II.1.3. Identificação da Unidade de Perfuração e Embarcações	II.1-2/2
ANEXO A - Cadastro Técnico Federal (CTF) de Atividades Potencialmente Poluidoras e/ou Utilizadoras dos Recursos Ambientais	
II.2. CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE	II.2-1/7
II.2.1. Apresentação	II.2-1/7
II.3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	II.3-1/13
II.3.1. Descrição Geral do Processo de Perfuração	II.3-1/13
II.3.2. Informações Acerca das Condições para Uso e Descarte de Fluidos de Perfuração, Fluidos Complementares e Pastas de Cimento Previstos na Atividade de Perfuração	II.3-10/13
II.4. ÁREA DE ESTUDO	II.4-1/21
II.4.1. Considerações Iniciais	II.4-3/21
II.4.2. Detalhamento dos Critérios para o Estabelecimento da Área de Estudo	II.4-3/21
II.4.3. Síntese dos Fatores Ambientais Analisados	II.4-18/21
II.4.4. Síntese da Área de Estudo	II.4-19/21
II.5. DIAGNÓSTICO AMBIENTAL	II.5
II.5.1. Meio Físico	II.5.1
II.5.1.1. Meteorologia e Oceanografia	II.5.1.1
II.5.1.2. Geologia e Geomorfologia	II.5.1.2-1/47
II.5.1.2.1. Localização	II.5.1.2-1/47
II.5.1.2.2. Geologia Regional	II.5.1.2-1/47
II.5.1.2.3. Geologia Local	II.5.1.2-28/47
ANEXO A - Mapa Estrutural	
ANEXO B - Carta Estratigráfica Formal para a Bacia do Espírito Santo	
ANEXO C - Mapa Fisiográfico	
ANEXO D - Mapa Faciológico	
II.5.2. Meio Socioeconômico	II.5.2-1/124
II.5.3. Síntese da Qualidade Ambiental	II.5.3-1/30
II.6. MODELAGEM NUMÉRICA	II.6-1/1
II.6.1. Modelagem Hidrodinâmica e da Dispersão de Óleo	II.6.1
II.6.2. Modelagem de Cascalho e Fluidos de Perfuração	II.6.2

ÍNDICE DE TEXTO	PÁGINA
II.7. IDENTIFICAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS AMBIENTAIS	II.7-1/269
II.7.1. Metodologia	II.7-1/269
II.7.1.1. Conceitos Básicos	II.7-1/269
II.7.1.2. Procedimentos	II.7-2/269
II.7.2. Avaliação De Impactos	II.7-6/269
II.7.2.1. Meios Físico e Biótico	II.7-10/269
II.7.2.1.1 Cenário de Operação Normal da Atividade – Impactos Efetivos / Operacionais	II.7-10/269
II.7.2.1.2 Cenário Acidental – Impactos Potenciais	II.7-94/269
II.7.2.2. Meio Socioeconômico	II.7-185/269
II.7.2.2.1 Cenário de Operação Normal da Atividade – Impactos Efetivos / Operacionais	II.7-185/269
II.7.2.2.2 Cenário Acidental – Impactos Potenciais	II.7-222/269
II.7.2.3. Impactos sobre Unidades de Conservação	II.7-238/269
II.7.3. Considerações Finais	II.7-240/269
II.7.4. Referência Bibliográficas	II.7-241/269
ANEXO A - Diretrizes Metodológicas do TR CGPEG/DILIC/IBAMA nº 36/14	
II.8. ÁREA DE INFLUÊNCIA DA ATIVIDADE	II.8-1/8
II.8.1. Considerações Iniciais	II.8-1/8
II.8.2. Detalhamento dos Critérios para o Estabelecimento da Área de Influência	II.8-1/8
II.8.3. Síntese da Área de Influência	II.8-6/8
II.9. ANÁLISE E GERENCIAMENTO DE RISCO	II.9-1/316
A) Introdução	II.9-1/316
B) Metodologia	II.9-2/316
II.9.1. Descrição das Instalações	II.9-14/316
II.9.2. Análise Histórica de Acidentes Ambientais	II.9-17/316
II.9.2.1. Introdução	II.9-17/316
II.9.2.2. Ocorrência de acidente por tipologia acidental	II.9-21/316
II.9.2.3. Frequências associadas às tipologias acidentais	II.9-29/316
II.9.2.4. Conclusão da Análise Histórica de Acidentes Ambientais	II.9-33/316
II.9.3. Identificação dos Cenários Acidentais	II.9-47/316
II.9.3.1. Introdução	II.9-47/316
II.9.3.2. Metodologia Empregada	II.9-47/316
II.9.3.3. Sistemas e Subsistemas Analisados	II.9-52/316
II.9.3.4. Volumes Liberados de Óleo	II.9-57/316
II.9.3.5. Avaliação das frequências de ocorrência dos cenários acidentais	II.9-61/316
II.9.3.6. Árvore de eventos	II.9-111/316
II.9.4. Avaliação das Consequências	II.9-123/316
II.9.4.1. Modelagem de dispersão de óleo	II.9-123/316
II.9.4.2. Análise de Vulnerabilidade e Identificação dos Componentes com Valor Ambiental	II.9-129/316

ÍNDICE DE TEXTO	PÁGINA
II.9.4.3. Cálculo da Probabilidade dos Componentes à Presença de Óleo	II.9-243/316
II.9.5. Cálculo dos Riscos Ambientais	II.9-278/316
II.9.6. Tolerabilidade dos Riscos	II.9-282/316
II.9.7. Revisão do Estudo de Análise de Riscos	II.9-286/316
II.9.8. Plano de Gerenciamento de Riscos	II.9-286/316
II.9.8.1. Introdução	II.9-286/316
II.9.8.2. Riscos que estão sendo gerenciados	II.9-287/316
II.9.8.3. Medidas preventivas de gerenciamento de riscos	II.9-293/316
II.9.9. Considerações Finais	II.9-295/316
II.9.10. Referências Bibliográficas	II.9-296/316
ANEXO A – P&IDs (<i>Process and Instrumentation Diagrams</i>) dos Principais Sistemas da Unidade de Perfuração <i>Ocean Rig Mylos</i>	
ANEXO B – Arranjo Geral e Plano de Capacidades da Unidade de Perfuração <i>Ocean Rig Mylos</i>	
ANEXO C – Plano de Gerenciamento de Riscos (PGR) da Unidade de Perfuração <i>Ocean Rig Mylos</i>	
II.10. PLANO DE EMERGÊNCIA INDIVIDUAL (PEI)	II.10-1/1
ANEXO A – Características da Unidade de Perfuração e Atividades de Apoio	
ANEXO B – Arranjo Geral e Plano de Capacidade da Unidade de Perfuração	
ANEXO C – Informações Referenciais	
ANEXO D – Formulários	
ANEXO E – Lista de Contatos	
ANEXO F – Dimensionamento da Capacidade de Resposta	
ANEXO G – Contratos	
ANEXO H – Monitoramento da Mancha de Óleo	
ANEXO I – Plano Estratégico de Proteção e Limpeza da Costa (PEPLC)	
ANEXO J – Plano de Ação para o Resgate de Fauna em Derramamentos de Petróleo durante a Atividade de Perfuração Marítima nos Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743, na Bacia do Espírito Santo	
ANEXO K – Cadastro Técnico Federal de Atividades e Instrumentos de Defesa Ambiental dos Responsáveis Técnicos pela Elaboração do Plano de Emergência	
ANEXO L – Justificativa para o Volume de <i>Blowout</i>	
II.11. MEDIDAS MITIGADORAS E COMPENSATÓRIAS E PROJETOS/PLANOS DE CONTROLE E MONITORAMENTO	II.11-1/3
II.11.1. Projeto de Monitoramento Ambiental	II.11.1-1/12
ANEXO A – Ficha de Notificação de Formações Biogênicas Bentônicas	
ANEXO B – Fichas de Registro da Fauna Marinha e Mamíferos Marinhos	
ANEXO C – Ficha de Esforço Diário de Avistagem	
II.11.1.1. Projeto de Monitoramento de Cascalho e Fluido de Perfuração	II.11.1.1-1/1
II.11.2. Projeto de Controle da Poluição	II.11.2-1/1
II.11.3. Projeto de Comunicação Social	II.11.3-1/7
ANEXO A – Público-alvo	
ANEXO B – Boletim Informativo	
II.11.4. Projeto de Educação Ambiental dos Trabalhadores	II.11.4-1/11

ÍNDICE DE TEXTO	PÁGINA
ANEXO A – Apresentação	
ANEXO B – Dinâmica de Grupo	
ANEXO C – Modelo de Apostila	
ANEXO D – Modelo de Lista de Presença	
ANEXO E – Modelo de Fichas de Avaliação	
II.11.5. Plano de Manejo de Aves na Plataforma	II.11.5-1/14
ANEXO A – Lista de Espécies com Ocorrência na Área dos Blocos	
ANEXO B – Pranchas de Identificação das Espécies	
ANEXO C – Termo de Encaminhamento de Animais	
II.11.6. Projeto de Monitoramento de Praias	II.11.6-1/7
II.12. CONCLUSÃO	II.12-1/3
II.13. EQUIPE TÉCNICA	II.13-1/1
ANEXO A – Cadastros Técnicos Federais	
II.14. BIBLIOGRAFIA	II.14-1/57

ÍNDICE DE TABELAS	PÁGINA
TABELA II.1.1 – Identificação do Empreendedor	II.1-1/2
TABELA II.2.1 – Coordenadas geográficas dos vértices dos Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743, Bacia do Espírito Santo	II.2-1/7
TABELA II.2.2 – Coordenadas preliminares dos poços previstos nos Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743, Bacia do Espírito Santo	II.2-3/7
TABELA II.2.3 – Projeto de Poço-Tipo 1 (Prospecto Pré-Sal)	II.2-5/7
TABELA II.2.4 – Projeto de Poço-Tipo 2 (Prospecto Pós-Sal)	II.2-5/7
TABELA II.2.5 – Cronograma previsto para as atividades de perfuração exploratória na Bacia do Espírito Santo	II.2-7/7
TABELA II.3.1.1 – Operações complementares previstas para a atividade de perfuração nos Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743, na Bacia do Espírito Santo	II.3-5/13
TABELA II.3.1.2 – Instalações do Complexo Aeroportuário de Vitória	II.3-9/13
TABELA II.3.2.1 – Planilha de Volumetria de Cascalhos (m ³) – Poço Tipo-1 (Pré-Sal)	II.3-11/13
TABELA II.3.2.2 – Planilha de Volumetria de Cascalhos (m ³) – Poço Tipo-2 (Pós-Sal)	II.3-11/13
TABELA II.3.2.3 – Planilha de Volumetria de Fluidos de Perfuração (m ³) – Poço Tipo-1 (Pré-Sal)	II.3-11/13
TABELA II.3.2.4 – Planilha de Volumetria de Fluidos de Perfuração (m ³) – Poço Tipo-2 (Pós-Sal)	II.3-12/13
TABELA II.3.2.5 – Planilha de Volumetria (m ³), Função e Destinação de Fluidos Complementares – Poço Tipo-1 (Pré-Sal)	II.3-12/13
TABELA II.3.2.6 – Planilha de Volumetria (m ³), Função e Destinação de Fluidos Complementares – Poço Tipo-2 (Pós-Sal)	II.3-12/13
TABELA II.3.2.7 – Planilha de Volumetria (m ³) e Destinação de Pastas de Cimento – Poço Tipo-1 (Pré-Sal)	II.3-13/13
TABELA II.3.2.8 – Planilha de Volumetria (m ³) e Destinação de Pastas de Cimento – Poço Tipo-2 (Pós-Sal)	II.3-13/13
TABELA II.4.1.1 – Critérios para classificação da significância	II.4-2/21
TABELA II.4.2.1 – Infraestrutura de apoio à Atividade de Perfuração Marítima nos Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743, na Bacia do Espírito Santo	II.4-7/21
TABELA II.4.2.2 – Municípios do estado do Espírito Santo e <i>status</i> do conhecimento sobre suas respectivas áreas de pesca	II.4-8/21
TABELA II.4.2.3 – Municípios do estado do Rio de Janeiro e <i>status</i> do conhecimento sobre suas respectivas áreas de pesca	II.4-10/21
TABELA II.4.2.4 – Resultados integrados da modelagem de óleo para os Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743 (cenário <i>blowout</i> – 672.600 m ³) – Pior caso por município	II.4-12/21
TABELA II.4.2.5 – Unidades de Conservação – resultados da modelagem de óleo para os Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743 (cenário de <i>blowout</i> – 672.600 m ³)	II.4-14/21
TABELA II.4.3.1 – Principais fatores ambientais avaliados	II.4-19/21
TABELA II.4.4.1 – Municípios da área de estudo e critérios de inclusão	II.4-20/21
TABELA II.5.1.2.1 – Coordenadas dos poços propostos nos Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743	II.5.1.2-29/47

ÍNDICE DE TABELAS	PÁGINA
TABELA II.5.2.1 – Abordagens participativas utilizadas em campo e correspondência com os tipos de informações obtidas	II.5.2-2/124
TABELA II.5.2.2 – Agenda de campo com abordagens participativas por município e respectivas comunidades onde houve levantamento de dados primários	II.5.2-3/124
TABELA II.5.2.3 – Tipologia das embarcações identificadas em campo	II.5.2-5/124
TABELA II.5.2.4 – Tipo de pesca, espécies-alvo e petrechos utilizados na captura das comunidades pesqueiras de Marataízes	II.5.2-8/124
TABELA II.5.2.5 – Número de pescadores e embarcações de Marataízes	II.5.2-10/124
TABELA II.5.2.6 – Áreas de pesca por comunidades de Marataízes, espécies de interesse e respectivos períodos de captura	II.5.2-12/124
TABELA II.5.2.7 – Comercialização primária e processamento do pescado em Marataízes	II.5.2-15/124
TABELA II.5.2.8 – Atividades pesqueiras ou extrativistas desenvolvidas por mulheres em Marataízes	II.5.2-16/124
TABELA II.5.2.9 – Entidades representativas e movimentos sociais ligados à pesca em Marataízes	II.5.2-16/124
TABELA II.5.2.10 – Caracterização da frota industrial de Marataízes	II.5.2-17/124
TABELA II.5.2.11 – Tipo de pesca, espécies-alvo e petrechos utilizados na captura das comunidades pesqueiras de Itapemirim	II.5.2-20/124
TABELA II.5.2.12 – Número de pescadores e embarcações de Itapemirim	II.5.2-20/124
TABELA II.5.2.13 – Áreas de pesca por comunidades de Itapemirim, espécies de interesse e respectivos períodos de captura	II.5.2-22/124
TABELA II.5.2.14 – Comercialização primária e processamento do pescado em Itapemirim	II.5.2-24/124
TABELA II.5.2.15 – Atividades pesqueiras ou extrativistas desenvolvidas por mulheres em Itapemirim	II.5.2-24/124
TABELA II.5.2.16 – Entidades representativas e movimentos sociais ligados à pesca em Itapemirim	II.5.2-25/124
TABELA II.5.2.17 – Caracterização da frota industrial de Itapemirim	II.5.2-26/124
TABELA II.5.2.18 – Tipo de pesca, espécies-alvo e petrechos utilizados na captura das comunidades pesqueiras de Piúma	II.5.2-28/124
TABELA II.5.2.19 – Número de pescadores e embarcações de Piúma	II.5.2-29/124
TABELA II.5.2.20 – Áreas de pesca de Piúma, espécies-alvo e períodos de captura	II.5.2-30/124
TABELA II.5.2.21 – Comercialização primária e processamento do pescado em Piúma	II.5.2-31/124
TABELA II.5.2.22 – Atividades pesqueiras ou extrativistas desenvolvidas por mulheres em Piúma	II.5.2-31/124
TABELA II.5.2.23 – Entidades representativas e movimentos sociais ligados à pesca em Piúma	II.5.2-32/124
TABELA II.5.2.24 – Caracterização da frota industrial de Piúma	II.5.2-33/124
TABELA II.5.2.25 – Tipo de pesca, espécies-alvo e petrechos utilizados na captura das comunidades pesqueiras de Anchieta	II.5.2-35/124
TABELA II.5.2.26 – Número de pescadores e embarcações de Anchieta	II.5.2-36/124
TABELA II.5.2.27 – Áreas de pesca por comunidades de Anchieta, espécies de interesse e respectivos períodos de captura	II.5.2-38/124
TABELA II.5.2.28 – Comercialização primária e processamento do pescado em Anchieta	II.5.2-40/124
TABELA II.5.2.29 – Atividades pesqueiras ou extrativistas desenvolvidas por mulheres em Anchieta	II.5.2-41/124
TABELA II.5.2.30 – Entidades representativas e movimentos sociais ligados à pesca em Anchieta	II.5.2-41/124
TABELA II.5.2.31 – Tipo de pesca, espécies-alvo e petrechos utilizados na captura das comunidades pesqueiras de Guarapari	II.5.2-43/124
TABELA II.5.2.32 – Número de pescadores e embarcações de Guarapari	II.5.2-45/124
TABELA II.5.2.33 – Áreas de pesca por comunidades de Guarapari, espécies-alvo e respectivos períodos de captura	II.5.2-47/124
TABELA II.5.2.34 – Comercialização primária e processamento do pescado em Guarapari	II.5.2-51/124

ÍNDICE DE TABELAS	PÁGINA
TABELA II.5.2.35 – Atividades pesqueiras ou extrativistas desenvolvidas por mulheres em Guarapari	II.5.2-52/124
TABELA II.5.2.36 – Entidades representativas e movimentos sociais ligados à pesca em Guarapari	II.5.2-53/124
TABELA II.5.2.37 – Caracterização da frota industrial de Guarapari	II.5.2-54/124
TABELA II.5.2.38 – Tipo de pesca, espécies-alvo e petrechos utilizados na captura das comunidades pesqueiras de Vila Velha	II.5.2-56/124
TABELA II.5.2.39 – Número de pescadores e embarcações de Vila Velha	II.5.2-57/124
TABELA II.5.2.40 – Áreas e períodos de pesca (safras) por espécies de Vila Velha	II.5.2-58/124
TABELA II.5.2.41 – Sistema de comercialização e processamento do pescado em Vila Velha	II.5.2-61/124
TABELA II.5.2.42 – Atividades pesqueiras ou extrativistas desenvolvidas por mulheres em Vila Velha	II.5.2-62/124
TABELA II.5.2.43 – Entidades representativas e movimentos sociais ligados à pesca em Vila Velha	II.5.2-63/124
TABELA II.5.2.44 – Caracterização da frota industrial de Vila Velha	II.5.2-64/124
TABELA II.5.2.45 – Tipo de pesca, espécies-alvo e petrechos utilizados na captura das comunidades pesqueiras de Vitória	II.5.2-65/124
TABELA II.5.2.46 – Número de pescadores e embarcações de Vitória	II.5.2-67/124
TABELA II.5.2.47 – Áreas e períodos de pesca (safras) por espécies de Vitória	II.5.2-68/124
TABELA II.5.2.48 – Sistema de comercialização e processamento do pescado em Vitória	II.5.2-71/124
TABELA II.5.2.49 – Atividades pesqueiras ou extrativistas desenvolvidas por mulheres em Vitória	II.5.2-71/124
TABELA II.5.2.50 – Entidades representativas e movimentos sociais ligados à pesca	II.5.2-72/124
TABELA II.5.2.51 – Caracterização da frota industrial de Vitória	II.5.2-73/124
TABELA II.5.2.52 – Tipo de pesca, espécies-alvo e petrechos utilizados na captura das comunidades pesqueiras de Serra	II.5.2-75/124
TABELA II.5.2.53 – Número de pescadores e embarcações de Serra	II.5.2-76/124
TABELA II.5.2.54 – Áreas de pesca por comunidades de Serra, espécies-alvo e respectivos períodos de captura	II.5.2-77/124
TABELA II.5.2.55 – Comercialização primária e processamento do pescado em Serra	II.5.2-80/124
TABELA II.5.2.56 – Atividades pesqueiras ou extrativistas desenvolvidas por mulheres em Serra	II.5.2-81/124
TABELA II.5.2.57 – Entidades representativas e movimentos sociais ligados à pesca em Serra	II.5.2-82/124
TABELA II.5.2.58 – Caracterização da frota industrial de Serra	II.5.2-83/124
TABELA II.5.2.59 – Tipo de pesca, espécies-alvo e petrechos utilizados na captura das comunidades pesqueiras de Aracruz	II.5.2-83/124
TABELA II.5.2.60 – Número de pescadores e embarcações de Aracruz	II.5.2-84/124
TABELA II.5.2.61 – Áreas de pesca por comunidades de Aracruz, espécies-alvo e respectivos períodos de captura	II.5.2-86/124
TABELA II.5.2.62 – Comercialização e processamento do pescado em Aracruz	II.5.2-88/124
TABELA II.5.2.63 – Atividades pesqueiras desenvolvidas por mulheres em Aracruz	II.5.2-88/124
TABELA II.5.2.64 – Entidades representativas e movimentos sociais ligados à pesca em Aracruz	II.5.2-89/124
TABELA II.5.2.65 – Tipo de pesca, espécies-alvo e petrechos utilizados na captura das comunidades pesqueiras de Linhares	II.5.2-91/124
TABELA II.5.2.66 – Número de pescadores e embarcações de Linhares	II.5.2-92/124
TABELA II.5.2.67 – Áreas de pesca por comunidades de Linhares, espécies de interesse e respectivos períodos de captura	II.5.2-93/124
TABELA II.5.2.68 – Comercialização e processamento do pescado em Linhares	II.5.2-95/124
TABELA II.5.2.69 – Entidades representativas e movimentos sociais ligados à pesca em Itapemirim	II.5.2-96/124
TABELA II.5.2.70 – Tipo de pesca, espécies-alvo e petrechos utilizados na captura das comunidades pesqueiras representadas por Colônias de Pescadores e Associações de Pescadores do município do Rio de Janeiro	II.5.2-99/124

ÍNDICE DE TABELAS	PÁGINA
TABELA II.5.2.71 – Número de pescadores e embarcações representados pelas Colônias e Associações de Pescadores do Rio de Janeiro	II.5.2-101/124
TABELA II.5.2.72 – Áreas de pesca utilizadas por pescadores das colônias e associações de pescadores do Rio de Janeiro, espécies de interesse e respectivos períodos de captura	II.5.2-103/124
TABELA II.5.2.73 – Comercialização e processamento do pescado nas comunidades abrangidas pelas Colônias e Associações de Pescadores no Rio de Janeiro	II.5.2-104/124
TABELA II.5.2.74 – Atividades pesqueiras extrativistas desenvolvidas por homens e mulheres no Rio de Janeiro, onde ocorre	II.5.2-104/124
TABELA II.5.2.75 – Entidades representativas e movimentos sociais ligados à pesca no município do Rio de Janeiro	II.5.2-105/124
TABELA II.5.2.76 – Tipo de pesca, espécies-alvo e petrechos utilizados na captura das comunidades pesqueiras de Armação dos Búzios	II.5.2-106/124
TABELA II.5.2.77 – Número de pescadores e embarcações de Armação dos Búzios	II.5.2-107/124
TABELA II.5.2.78 – Áreas de pesca por comunidades de Armação dos Búzios, espécies de interesse e respectivos períodos de captura	II.5.2-108/124
TABELA II.5.2.79 – Entidades representativas e movimentos sociais ligados à pesca em Armação dos Búzios	II.5.2-110/124
TABELA II.5.3.1 – Áreas Prioritárias para Conservação da Zonas Marinha e Costeira presentes na área de estudo	II.5.3-1/30
TABELA II.5.3.2 – Espécies de peixes teleósteos e cartilagosos de interesse comercial presentes na área de estudo e seus <i>status</i> de conservação	II.5.3-11/30
TABELA II.5.3.3 – Espécies de peixes teleósteos e cartilagosos endêmicos do Brasil encontrados na área de estudo	II.5.3-14/30
TABELA II.5.3.4 – Períodos de defeso e proibição para as espécies que ocorrem na área de estudo	II.5.3-16/30
TABELA II.5.3.5 – Cetáceos com ocorrência na área de estudo e seus <i>status</i> de conservação	II.5.3-17/30
TABELA II.5.3.6 – Espécies de tartarugas marinhas presentes na área de estudo e seus <i>status</i> de conservação	II.5.3-21/30
TABELA II.5.3.7 – Espécies de aves presentes na área de estudo e seus <i>status</i> de conservação	II.5.3-23/30
TABELA II.7.1.1 – Definições dos Atributos dos Impactos	II.7-4/269
TABELA II.7.2.1 – Principais ações geradoras de impactos associadas às atividades de Perfuração Marítima de Poços na Bacia do Espírito Santo	II.7-7/269
TABELA II.7.2.2 – Principais ações geradoras de impactos associadas a atividade de perfuração na Bacia do Espírito Santo – Cenário Acidental	II.7-8/269
TABELA II.7.2.3 – Resultados das Simulações de Pior Caso	II.7-9/269
TABELA II.7.2.1.1 – Relação entre os aspectos ambientais, fatores ambientais e impactos ambientais identificados	II.7-12/269
TABELA II.7.2.1.2 – Matriz de Interação – aspectos ambientais, fatores ambientais, impactos ambientais	II.7-14/269
TABELA II.7.2.1.3 – Resposta da baleia-cinza aos sons que imitam (“ <i>Playback</i> ”) os produzidos por sondas de perfuração	II.7-34/269
TABELA II.7.2.1.4 – Fatores de Emissão publicados no AP-42 para motores a diesel de grande porte	II.7-54/269
TABELA II.7.2.1.5 – Fatores de Emissão publicados no guia metodológico do IPCC (2006)	II.7-54/269
TABELA II.7.2.1.6 – Estimativa mensal de emissões geradas pela operação dos motores a diesel na unidade OCEAN RIG MYLOS	II.7-55/269
TABELA II.7.2.1.7 – Distâncias máximas alcançadas para alguns limiares de concentração. Caso determinístico – espessura máxima	II.7-64/269
TABELA II.7.2.1.8 – Distâncias máximas alcançadas para alguns limiares de concentração. Caso determinístico – distância máxima	II.7-65/269

ÍNDICE DE TABELAS	PÁGINA
TABELA II.7.2.1.9 – Distâncias máximas alcançadas para alguns limiares de concentração. Caso determinístico – espessura máxima	II.7-70/269
TABELA II.7.2.1.10 – Distâncias máximas alcançadas para alguns limiares de concentração. Caso determinístico – distância máxima	II.7-70/269
TABELA II.7.2.1.11 – Matriz de Avaliação de Impacto Ambiental	II.7-93/269
TABELA II.7.2.1.12 – Relação entre os aspectos ambientais, fatores ambientais e impactos ambientais identificados	II.7-97/269
TABELA II.7.2.1.13 – Matriz de Interação – aspectos ambientais, fatores ambientais, impactos ambientais	II.7-99/269
TABELA II.7.2.1.14 – Efeitos do Vazamento de Óleo em Florestas de Manguezais	II.7-168/269
TABELA II.7.2.1.15 – Matriz de Avaliação de Impacto Ambiental - Cenário Acidental	II.7-184/269
TABELA II.7.2.2.1 – Relação entre os aspectos ambientais, fatores ambientais e impactos ambientais identificados	II.7- 186/269
TABELA II.7.2.2.2 – Matriz de Interação – aspectos ambientais, fatores ambientais e impactos ambientais	II.7-188/269
TABELA II.7.2.2.3 – Comunidades com área de pesca sobreposta à área dos blocos	II.7-194/269
TABELA II.7.2.2.4 – Comunidades com frotas de ampla atuação e com área de pesca sobreposta à rota das embarcações de apoio	II.7-199/269
TABELA II.7.2.2.5 – Comunidades com frotas com atuação restrita à Baía de Vitória e ao canal de acesso	II.7-203/269
TABELA II.7.2.2.6– Número de atracções nos portos localizados na Baía de Vitória (2012)	II.7-204/269
TABELA II.7.2.2.7 – Matriz de avaliação de impacto ambiental – Cenário de Operação Normal	II.7-221/269
TABELA II.7.2.2.8 – Relação entre o aspecto ambiental, fatores ambientais e impactos ambientais identificados	II.7-223/269
TABELA II.7.2.2.9 – Matriz de Interação – aspecto ambiental, fatores ambientais e impactos ambientais	II.7-224/269
TABELA II.7.2.2.10 – Matriz de avaliação de impacto ambiental – Cenário Acidental	II.7-237/269
TABELA II.8.1 – Municípios da Área de Influência e critérios de inclusão pela interferência na atividade pesqueira	II.8-5/8
TABELA II.8.2 – Municípios da Área de Influência e critérios de inclusão	II.8-7/8
TABELA II.9.1 – Exemplo de resultado encontrado após o cálculo do Risco Ambiental (RA) para cada componente	II.9-11/316
TABELA II.9.2.1 – Número total de unidades marítimas por tipo de unidade/instalação (móvel, fixa ou outras) – 1970 – 2013 (WOAD <i>on line</i>)	II.9-19/316
TABELA II.9.2.2 – Número de ocorrências de acidentes por tipo de unidade/instalação em todo o mundo – 1970 – 2013 (WOAD <i>on line</i>)	II.9-20/316
TABELA II.9.2.3 – Número de ocorrências de acidentes em navios-sonda por tipo de acidentes e por região – 1970 – 2013 (WOAD <i>on line</i>)	II.9-21/316
TABELA II.9.2.4 – Número de ocorrências em navio-sonda por tipo de acidentes e pelo grau de intensidade do dano – 1970 – 2013 (WOAD <i>on line</i>)	II.9-22/316
TABELA II.9.2.5 – Número de liberações acidentais de óleo cru, óleo diesel ou outras substâncias químicas ocorridas em navios-sonda em todo o mundo	II.9-23/316
TABELA II.9.2.6 – Derramamentos acidentais de óleo em atividades marítimas de E&P no período 1968-1999	II.9-24/316
TABELA II.9.2.7 – Frequência de derramamentos de óleo decorrentes de <i>blowouts</i> (por poço perfurado)	II.9-25/316
TABELA II.9.2.8 – Distribuição histórica dos incidentes comunicados à ANP em unidades de perfuração e produção marítimas e terrestres	II.9-26/316
TABELA II.9.2.9 – Evolução dos registros da ANP em relação à gravidade dos incidentes	II.9-27/316

ÍNDICE DE TABELAS	PÁGINA
TABELA II.9.2.10 – Distribuição dos volumes descarregados (m ³) em incidentes com perda de contenção	II.9-28/316
TABELA II.9.2.11 – Número de unidades móveis de perfuração (UM) e navios-sonda (NS) em operação por área geográfica e por período (unidades-ano)	II.9-29/316
TABELA II.9.2.12 – Frequência média de ocorrência de acidentes em unidades móveis de perfuração (UM) e navios-sonda (NS) em todo o mundo no período 1980-1997 (ocorrências / 1.000 unidades-ano)	II.9-30/316
TABELA II.9.2.13 – Número de ocorrências de acidentes e respectivas frequências (por unidade ano) por tipo de unidade móvel de perfuração (UM). Plataforma Continental do Reino Unido, 1990-2007	II.9-31/316
TABELA II.9.2.14 – Unidades Móveis de Perfuração - UM - Número de ocorrências de acidentes e respectivas frequências (por unidade ano). Plataforma Continental do Reino Unido, 1990-2007	II.9-32/316
TABELA II.9.2.15 – Acidentes ambientais e descrição dos impactos ambientais reportados (1968 – 2006)	II.9-35/316
TABELA II.9.3.1 – Categorias de frequência dos cenários acidentais	II.9-50/316
TABELA II.9.3.2 – Categorias de severidade para danos ao meio ambiente	II.9-51/316
TABELA II.9.3.3 – Matriz para classificação de risco dos cenários acidentais	II.9-51/316
TABELA II.9.3.4 – Identificação dos sistemas e subsistemas analisados para a atividade de perfuração nos Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743, Bacia do Espírito Santo	II.9-53/316
TABELA II.9.3.5 – Cenários acidentais analisados	II.9-54/316
TABELA II.9.3.6 – Categorias de severidade <i>versus</i> faixas de volume (CONAMA nº 398/08)	II.9-56/316
TABELA II.9.3.7 – Cenários envolvendo vazamento de óleo para o mar	II.9-59/316
TABELA II.9.3.8 – Cálculo dos volumes liberados de óleo	II.9-60/316
TABELA II.9.3.9 – Frequência e categoria dos cenários 01, 02 e 03	II.9-62/316
TABELA II.9.3.10 – Frequência e categoria dos cenários 04 e 05	II.9-62/316
TABELA II.9.3.11 – Frequência e categoria dos cenários 06, 07 e 08	II.9-63/316
TABELA II.9.3.12 – Frequência e categoria dos cenários 09, 10 e 11	II.9-63/316
TABELA II.9.3.13 – Frequência e categoria dos cenários 12 e 13	II.9-64/316
TABELA II.9.3.14 – Frequência e categoria do cenários 14	II.9-64/316
TABELA II.9.3.15 – Frequência e categoria dos cenários 15 e 16	II.9-65/316
TABELA II.9.3.16 – Frequência e categoria dos cenários 17 e 18	II.9-65/316
TABELA II.9.3.17 – Frequência e categoria dos cenários 19 e 20	II.9-66/316
TABELA II.9.3.18 – Frequência e categoria do cenário 21	II.9-66/316
TABELA II.9.3.19 – Frequência e categoria do cenário 22	II.9-67/316
TABELA II.9.3.20 – Frequência e categoria do cenário 25	II.9-67/316
TABELA II.9.3.21 – Frequência e categoria dos cenários 24 e 25	II.9-68/316
TABELA II.9.3.22 – Frequência e categoria do cenário 26	II.9-69/316
TABELA II.9.3.23 – Sumário dos resultados obtidos	II.9-70/316
TABELA II.9.3.24 – Distribuição das recomendações / observações resultantes da APR nos cenários analisados	II.9-108/316
TABELA II.9.3.25 – Probabilidades de Ignição	II.9-113/316
TABELA II.9.3.26 – Probabilidades de ignição e de explosão dos cenários acidentais	II.9-116/316
TABELA II.9.3.27 – Frequências dos cenários acidentais	II.9-117/316
TABELA II.9.4.1.1 - Cenários realizados para os pontos de risco na Bacia do Espírito Santo	II.9-123/316
TABELA II.9.4.1.2 - Coordenadas dos pontos de vazamento na Bacia do Espírito Santo	II.9-123/316
TABELA II.9.4.1.3 - Características do óleo cru utilizado na simulação	II.9-124/316
TABELA II.9.4.2.1 – Impactos e tempo de recuperação de árvores de manguezais em sete vazamentos de óleo e cinco locais	II.9-139/316

ÍNDICE DE TABELAS	PÁGINA
TABELA II.9.4.2.2 – Ordem de grandeza temporal de cada um dos processos de degradação do ambiente manguezal quando de significativa contaminação por óleo	II.9-140/316
TABELA II.9.4.2.3 – Vazamentos de óleo e seus efeitos sobre os manguezais	II.9-141/316
TABELA II.9.4.2.4 – Vazamentos de óleo e seus efeitos sobre as praias	II.9-153/316
TABELA II.9.4.2.5 – Vazamentos de óleo e seus efeitos sobre os costões rochosos	II.9-160/316
TABELA II.9.4.2.6 – Vazamentos de óleo e seus efeitos sobre os recifes de corais	II.9-173/316
TABELA II.9.4.2.7 – Sensibilidade dos artefatos de pesca a danos causados por encalhe ou contaminação por óleo	II.9-184/316
TABELA II.9.4.2.8 – Vazamentos de óleo e seus efeitos sobre a pesca e os recursos pesqueiros	II.9-186/316
TABELA II.9.4.2.9 – Lista de espécies de tartarugas marinhas encontradas na área de estudo e seus status de conservação	II.9-189/316
TABELA II.9.4.2.10 – Vazamentos de óleo e seus efeitos sobre as tartarugas marinhas	II.9-195/316
TABELA II.9.4.2.11 – Cetáceos da área de estudo e status de conservação nacional e global	II.9-202/316
TABELA II.9.4.2.12 – Aves com registros na área de estudo ou áreas próximas (ocorrência potencial) e status de conservação	II.9-225/316
TABELA II.9.4.2.13 – Espécies de aves que podem ser encontradas na área de estudo e que estão ameaçadas de extinção	II.9-228/316
TABELA II.9.4.2.14 – Tempo de recuperação dos componentes ambientais ao óleo	II.9-241/316
TABELA II.9.4.3.1 – Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Avifauna Marinha Costeira	II.9-245/316
TABELA II.9.4.3.2 – Probabilidade ponderada de presença e tempo mínimo de chegada de óleo nos CVAs Avifauna Marinha Oceânica, Cetáceos e Tartarugas Marinhas em cada cenário	II.9-249/316
TABELA II.9.4.3.3 – Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no SVA – Cetáceos – Boto-cinza (<i>Sotalia guianensis</i>)	II.9-251/316
TABELA II.9.4.3.4 – II.9.4.3.4 - Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no SVA – Cetáceos – Toninha (<i>Pontoporia blainvillei</i>)	II.9-253/316
TABELA II.9.4.3.5 – Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no SVA – Cetáceos – Reprodução de Baleia Jubarte (<i>Megaptera novaeangliae</i>)	II.9-255/316
TABELA II.9.4.3.6 – Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no SVA – Cetáceos – Reprodução de Baleia Franca (<i>Eubalena australis</i>)	II.9-257/316
TABELA II.9.4.3.7 – Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no SVA – Área de Desova de Tartarugas Marinhas	II.9-259/316
TABELA II.9.4.3.8 – Probabilidade ponderada de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Recursos Pesqueiros Costeiros	II.9-262/316
TABELA II.9.4.3.9 – Probabilidade ponderada de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Recursos Pesqueiros Oceânicos	II.9-266/316
TABELA II.9.4.3.10 – Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Praias Arenosas Expostas e Abridadas	II.9-268/316
TABELA II.9.4.3.11 – Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Costões Rochosos	II.9-270/316
TABELA II.9.4.3.12 – Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Marismas	II.9-271/316
TABELA II.9.4.3.13 – Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Manguezais	II.9-273/316
TABELA II.9.4.3.14 – Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Estuários	II.9-275/316
TABELA II.9.4.3.15 – Probabilidade máxima de presença e tempo mínimo de chegada de óleo no CVA – Recifes de Corais	II.9-277/316
TABELA II.9.5.1 – Somatório das frequências de ocorrência dos cenários acidentais para cada faixa de volume	II.9-278/316
TABELA II.9.5.2 – Probabilidade de presença de óleo e Risco Ambiental por Componente e Subcomponente de Valor Ambiental (CVA/SVA), Cenário Sazonal, Volume Vazado	II.9-279/316

ÍNDICE DE TABELAS	PÁGINA
TABELA II.9.6.1 – Tolerabilidade percentual e Tempo de Recorrência de um evento por Componente e Subcomponente de Valor Ambiental (CVA/SVA), Cenário Sazonal e Volume vazado	II.9-283/316
TABELA II.9.8.1 – Riscos avaliados e recomendações preventivas associadas	II.9-287/316
TABELA II.9.8.2 – Medidas de gerenciamento de riscos (Procedimentos estabelecidos pela empresa proprietária da unidade de perfuração)	II.9-294/316
TABELA II.11.1 – Projetos Ambientais e Impactos Associados	II.11-1/3
TABELA II.11.1.1 – Coordenadas dos poços previstos nos Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743, Bacia do Espírito Santo	II.11.1-1/12
TABELA II.11.1.2 – Espessura máxima de deposição de cascalho nos cenários de maior e menor intensidade de correntes de acordo com a distância da locação do poço	II.11.1-3/12
TABELA II.11.1.3 – Cronograma das atividades de monitoramento ambiental na Bacia do Espírito Santo para cada poço a ser perfurado – cada lacuna representa 1 mês	II.11.1-10/12
TABELA II.11.1.4 – Equipe Técnica	II.11.1-11/12
TABELA II.11.3.1 – Objetivos específicos, Metas e Indicadores	II.11.3-2/7
TABELA II.11.3.2 – Resultados esperadas para as linhas de ação previstas para o PCS	II.11.3-5/7
TABELA II.11.3.3 – Cronograma Físico	II.11.3-7/7
TABELA II.11.3.4 – Responsáveis Técnicos	II.11.3-7/7
TABELA II.11.4.1 – Metas, indicador quantitativo e categorização estabelecida para caracterizar nível de excelência do Projeto	II.11.4-2/11
TABELA II.11.4.2 – Estimativa do quantitativo de trabalhadores a serem contemplados no PEAT da atividade de perfuração marítima nos Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743	II.11.4-3/11
TABELA II.11.4.3 – Conteúdo programático e duração aproximada das ações do Módulo I	II.11.4-5/11
TABELA II.11.4.4 – Resumo das Ações	II.11.4-6/11
TABELA II.11.4.5 – Cronograma Físico do Projeto de Educação Ambiental dos Trabalhadores	II.11.4-9/11
TABELA II.11.4.6 – Responsável Institucional	II.11.4-10/11
TABELA II.11.4.7 – Responsáveis Técnicos	II.11.4-10/11
TABELA II.11.5.1 – Vantagens e desvantagens dos dispositivos visuais e sonoros para dispersão de animais	II.11.5-7/14
TABELA II.11.5.2 – Lista de recursos e equipamentos que ficarão armazenados na Base de Equipamento de Fauna	II.11.5-12/14
TABELA II.11.5.3 – Equipe Técnica	II.11.5-13/14

ÍNDICE DE FIGURAS	PÁGINA
FIGURA II.2.1 – Mapa de localização dos Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743, na Bacia do Espírito Santo	II.2–2/7
FIGURA II.2.2 – Mapa de Localização dos poços nos Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743, na Bacia do Espírito Santo	II.2–4/7
FIGURA II.3.1.1 – Esquema do Poço Tipo-1 (Prospecto Pré-Sal)	II.3–2/13
FIGURA II.3.1.2 – Esquema do Poço Tipo-2 (Prospecto Pós-Sal)	II.3–3/13
FIGURA II.3.1.3 – Isolamento no Poço Tipo-1 (Prospecto Pré-Sal)	II.3–7/13
FIGURA II.3.1.4 – Isolamento no Poço Tipo-2 (Prospecto Pós-Sal)	II.3–8/13
FIGURA II.3.1.5 – Rota Estimada da aeronave até a área dos Blocos, Bacia do Espírito Santo	II.3–9/13
FIGURA II.4.1.1 – Principais fatores ambientais que apresentam interação com a Atividade de Perfuração Marítima nos Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743, Bacia do Espírito Santo	II.4–1/21
FIGURA II.4.2.1 – Localização dos Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743, na Bacia do Espírito Santo	II.4–4/21
FIGURA II.4.2.2 – Rota das embarcações de apoio e aeronaves	II.4–6/21
FIGURA II.4.2.3 – Resultados da modelagem probabilística (<i>blowout</i>) do cenário de verão	II.4–17/21
FIGURA II.4.2.4 – Resultados da modelagem probabilística (<i>blowout</i>) do cenário de inverno	II.4–17/21
FIGURA II.4.4.1 – Área de estudo	II.4–21/21
FIGURA II.5.1.2.1 – Localização da Bacia do Espírito Santo e dos blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743	II.5.1.2–1/47
FIGURA II.5.1.2.2 – Configuração das bacias sedimentares na fase pré-rifte	II.5.1.2–2/47
FIGURA II.5.1.2.3 – Evolução tectono-sedimentar da margem continental brasileira – Modelo geodinâmico	II.5.1.2–3/47
FIGURA II.5.1.2.4 – Arcabouço estrutural da Bacia do Espírito Santo evidenciando diversas feições estruturais como: domos salinos, falhas no embasamento, complexo vulcânico de Abrolhos e Paleocânions	II.5.1.2–6/47
FIGURA II.5.1.2.5 – Seção sísmica da Bacia do Espírito Santo evidenciando a presença da halocinese, bem como feições estruturais e estratigráficas. As linhas coloridas correspondem ao topo ou base das Formações ou idades de deposição indicadas na figura	II.5.1.2–7/47
FIGURA II.5.1.2.6 – Seção sísmica evidenciando as sequências estratigráficas do sinrife e do pós-rifte, da Bacia do Espírito Santo ao longo de toda a extensão da Bacia. A seta vermelha indica a abrupta quebra do talude	II.5.1.2–8/47
FIGURA II.5.1.2.7 – Seção geológica da Bacia do Espírito Santo, evidenciando as principais feições estruturais e estratigráficas	II.5.1.2–11/47
FIGURA II.5.1.2.8 – Carta estratigráfica da Bacia do Espírito Santo	II.5.1.2–17/47
FIGURA II.5.1.2.9 – Evolução da atividade exploratória da Bacia do Espírito Santo em terra e no mar. A área vermelha corresponde ao último período (anos) exploratório na bacia	II.5.1.2–18/47
FIGURA II.5.1.2.10 – Seção geológica da Bacia do Espírito Santo evidenciando uma trapa estrutural da Fase Rifte	II.5.1.2–19/47
FIGURA II.5.1.2.11 – Seção geológica da Bacia do Espírito Santo evidenciando uma trapa estrutural da Fase Drifte	II.5.1.2–19/47
FIGURA II.5.1.2.12 – Seções geológicas da Bacia do Espírito Santo evidenciando trapas paleogeomórficas da Fase Drifte	II.5.1.2–20/47
FIGURA II.5.1.2.13 – Seção geológica da Bacia do Espírito Santo evidenciando uma trapa mista da Fase Drifte	II.5.1.2–20/47

ÍNDICE DE FIGURAS	PÁGINA
FIGURA II.5.1.2.14 – Feições geomorfológicas identificadas no talude continental da Bacia do Espírito Santo e porção norte da Bacia de Campos, com base em dados <i>multibeam</i> e sísmica 3D	II.5.1.2–23/47
FIGURA II.5.1.2.15 – Principais feições fisiográficas da área oceânica	II.5.1.2–25/47
FIGURA II.5.1.2.16 – Mapa de Localização dos poços nos Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743, na Bacia do Espírito Santo	II.5.1.2–29/47
FIGURA II.5.1.2.17 – Mapa Estrutural simplificado e Seção Geológica esquemática mostrando o Arcabouço geológico/estrutural da área a ser licenciada e as locações agrupadas segundo seu contexto geológico/estrutural	II.5.1.2–31/47
FIGURA II.5.1.2.18 – <i>Quadro superior</i> – Mapa mostrando a distribuição dos corpos de sal raso (Itaúnas), das rochas ígneas de Abrolhos e da cadeia vulcânica Vitória-Trindade com relação aos blocos e locações a serem licenciadas e principais poços de correlação. <i>Quadro Inferior</i> – Principais poços de correlação e locações a serem licenciadas mostrando as formações investigadas e os reservatórios potenciais no contexto estratigráfico formal da bacia do Espírito Santo	II.5.1.2–33/47
FIGURA II.5.1.2.19 – Previsão Geológica dos poços a serem licenciados no Bloco ES-M-743	II.5.1.2–35/47
FIGURA II.5.1.2.20 – Previsão Geológica dos poços a serem licenciados no Bloco ES-M-671	II.5.1.2–36/47
FIGURA II.5.1.2.21 – Previsão Geológica dos poços a serem licenciados no Bloco ES-M-673	II.5.1.2–37/47
FIGURA II.5.1.2.22 – Previsão Geológica dos poços a serem licenciados no Bloco ES-M-598	II.5.1.2–38/47
FIGURA II.5.1.2.23 – Mapa batimétrico da área dos blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743. O exagero vertical foi de 5x, com intervalos de contorno de 50 m	II.5.1.2–39/47
FIGURA II.5.1.2.24 – Mapa de declividades da área dos blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743	II.5.1.2–40/47
FIGURA II.5.1.2.25 – Mapa de amplitudes sísmicas da área dos blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743. As áreas vermelhas e amarelas estão relacionadas a maiores amplitudes e indicam áreas preferenciais para fluxos de sedimentos	II.5.1.2–41/47
FIGURA II.5.1.2.26 – Gráfico de pressão de poros vs. Profundidade de poços de água profunda na Bacia do Espírito Santo	II.5.1.2–44/47
FIGURA II.5.1.2.27 – Comportamento da pressão de poros nos poços vizinhos à área em licenciamento	II.5.1.2–45/47
FIGURA II.5.2.1 – Frota atracada em Barra de Itabapoana (A) e na Praia da Boa Vista (B)	II.5.2.1–8/124
FIGURA II.5.2.2 – Girador para posicionamento dos anzóis (A) e dezenas de anzóis com linha (B) compondo a pargueira	II.5.2.1–10/124
FIGURA II.5.2.3 – Barco com Casaria Médio na Praia dos Cações (A) e desembarque de Bateira com vela na Praia da Boa Vista (B)	II.5.2.1–11/124
FIGURA II.5.2.4 – Limpeza de peroá no cais da Barra de Itapemirim (A) e detalhe da evisceração com ausência de estrutura de apoio (B)	II.5.2.1–16/124
FIGURA II.5.2.5 – Produção pesqueira do município de Marataízes em relação à produção do estado do Espírito Santo	II.5.2.1–18/124
FIGURA II.5.2.6 – Praia de Itaipava (A) e praia de Itaoca (B)	II.5.2.1–19/124
FIGURA II.5.2.7 – Desembarque de dourado em Itaipava (A) e bagre capturado (B)	II.5.2.1–21/124
FIGURA II.5.2.8 – Bateira atracada na praia de Itaoca (A) e Barco com Casaria Grande em Itaipava (B)	II.5.2.1–22/124
FIGURA II.5.2.9 – Fachada da Colônia de Pescadores Z-10 de Itapemirim (A) e fachada da Associação de Pescadores e Armadores da Pesca do Distrito de Itaipava - APEDI (B)	II.5.2.1–24/124
FIGURA II.5.2.10 – Produção pesqueira do município de Itapemirim em relação à produção do estado do Espírito Santo	II.5.2.1–26/124
FIGURA II.5.2.11 – Porto no centro de Piúma (A) e embarcações atracadas (B)	II.5.2.1–27/124
FIGURA II.5.2.12 – Bomba de óleo diesel subsidiado pela Zippilima (A) e fachada da empresa em Piúma (B)	II.5.2.1–28/124
FIGURA II.5.2.13 – Barco com Casaria Médio (A) e frota atracada no Porto com exemplo de Barco com Casaria Grande ao fundo (B)	II.5.2.1–29/124

ÍNDICE DE FIGURAS	PÁGINA
FIGURA II.5.2.14 – Fogões improvisados para o cozimento do sururu, em Piúma (A) e exemplo de quantidade estocada e ainda congelada do marisco (B)	II.5.2.1–32/124
FIGURA II.5.2.15 – Produção pesqueira do município de Itapemirim em relação à produção do estado do Espírito Santo	II.5.2.1–34/124
FIGURA II.5.2.16 – Comunidade de Inhaúma, localizada em uma enseada (A) e embarcação atracada no cais da Sede (B)	II.5.2.1–35/124
FIGURA II.5.2.17 – Cangoá, capturado com rede de espera (A) e camarão-sete-barbas, capturado com rede de balão (B)	II.5.2.1–36/124
FIGURA II.5.2.18 – Barco com Casaria Pequeno à frente de Barco com Casaria Médio, em Iriri (A) e Bateira à frente de Barco com Casaria Grande, no mar de Ubu e Parati (B)	II.5.2.1–37/124
FIGURA II.5.2.19 – Anúncio de venda de pescado e gelo em Ubu e Parati (A) e empresa de beneficiamento de pescado em Inhaúma (B)	II.5.2.1–40/124
FIGURA II.5.2.20 – Produção pesqueira do município de Anchieta em relação à produção do estado do Espírito Santo	II.5.2.1–42/124
FIGURA II.5.2.21 – Praia de Meaípe (A) e Perocão (B)	II.5.2.1–43/124
FIGURA II.5.2.22 – Bateira (A), chamada localmente de “caíque” e Barcos com Casaria Médios (B), conhecidos localmente como “barcos de beirada”	II.5.2.1–46/124
FIGURA II.5.2.23 – Fachada da Colônia de Pescadores Z-3 de Guarapari (A) e homenagem a pescadores em seu interior (B)	II.5.2.1–53/124
FIGURA II.5.2.24 – Produção pesqueira do município de Guarapari em relação à produção do estado do Espírito Santo	II.5.2.1–55/124
FIGURA II.5.2.25 – Praia do Ribeiro (A) e Ponta da Fruta (B)	II.5.2.1–55/124
FIGURA II.5.2.26 – Bateira ao lado de Barco com Casaria Médio, na Praia do Ribeiro (A) e Caíco atracado na Ponta da Fruta (B)	II.5.2.1–57/124
FIGURA II.5.2.27 – Conchas de sururu depois de cozimento (A) e sururu limpo (B), na Praia do Ribeiro em Vila Velha/ES	II.5.2.1–62/124
FIGURA II.5.2.28 – Fachada da Colônia de Pescadores Z-2 de Vila Velha, em Itapuã/ES (A) e interior da instituição (B)	II.5.2.1–62/124
FIGURA II.5.2.29 – Produção pesqueira do município de Vila Velha em relação à produção do estado do Espírito Santo	II.5.2.1–64/124
FIGURA II.5.2.30 – Píer de madeira na Praia do Canto (A) e na Praia do Suá (B)	II.5.2.1–65/124
FIGURA II.5.2.31 – Embarcações de arrasto ou Barcos com Casaria Médios (“Timbatiba”) no píer da Praia do Suá (A) e outros Barcos com Casaria Médios na Praia do Canto (B)	II.5.2.1–66/124
Figura II.5.2.32 – Comércio de peixe, na Praia do Suá, nas proximidades do Terminal Pesqueiro (A e B)	II.5.2.1–70/124
Figura II.5.2.33 – Área externa do terminal pesqueiro (A) e área de interna de pesagem, lavagem e seleção do pescado (B)	II.5.2.1–70/124
FIGURA II.5.2.34 – Colônia de Pescadores Z-5 de Vitória (A) e Associação de Pescadores da Praia do Canto (B)	II.5.2.1–72/124
FIGURA II.5.2.35 – Produção pesqueira do município de Vitória em relação à produção do estado do Espírito Santo	II.5.2.1–73/124
FIGURA II.5.2.36 – Bateiras na praia de Manguinhos (A) e Barcos com Casarias Pequenos, Médios e Grandes em Jacaraípe (B)	II.5.2.1–73/124
FIGURA II.5.2.37 – Bateira em Jacaraípe (A) e cais de atracação de embarcações em Nova Almeida (B)	II.5.2.1–77/124
FIGURA II.5.2.38 – Peixaria Municipal de Jacaraípe (A) e sua infraestrutura de apoio ao beneficiamento e comercialização (B)	II.5.2.1–80/124
FIGURA II.5.2.39 – Produção pesqueira do município de Serra em relação à produção do estado do Espírito Santo	II.5.2.1–82/124
FIGURA II.5.2.40 – Cais de concreto na Barra do Riacho (A) e embarcações de Barra do Sahy atracadas em boias no mar (B)	II.5.2.1–83/124
FIGURA II.5.2.41 – Frota de arrasto em Barra do Riacho (A) e em Santa Cruz (B)	II.5.2.1–85/124

ÍNDICE DE FIGURAS	PÁGINA
FIGURA II.5.2.42 – Associação de Pescadores Extrativistas Marinhos de Aracruz (A) e abordagem realizada na Associação de Pescadores Artesanais de Barra do Riacho e Barra do Sahy (B)	II.5.2.1–89/124
FIGURA II.5.2.43 – Produção pesqueira do município de Aracruz em relação à produção do estado do Espírito Santo	II.5.2.1–90/124
FIGURA II.5.2.44 – Praia de Povoação (A) e embarcações de Povoação às margens do rio Doce (B)	II.5.2.1–90/124
FIGURA II.5.2.45 – Camarão-sete-barbas capturado (A) e petrecho rede de balão utilizado (B)	II.5.2.1–92/124
FIGURA II.5.2.46 – Barco com Casaria Pequeno Regência (A) e Barcos sem e com Casaria Pequeno, também em Regência (B)	II.5.2.1–93/124
FIGURA II.5.2.47 – Frente da Colônia de Pescadores Z-06 (A) e detalhe de indicação da instituição (B)	II.5.2.1–96/124
FIGURA II.5.2.48 – Produção pesqueira do município de Linhares em relação à produção do estado do Espírito Santo	II.5.2.1–97/124
FIGURA II.5.2.49 – Cais de atracação no terreno da Colônia Z-11 de Ramos (A) e bateira às margens do rio Jequié nas proximidades da Colônia Z-10 de Ilha do Governador (B)	II.5.2.1–98/124
FIGURA II.5.2.50 – Lanchas em cais de Sepetiba (A) e Associação da Praia dos Amores, na Barra da Tijuca, em meio à urbanização (B)	II.5.2.1–98/124
FIGURA II.5.2.51 – Peixaria organizada da Colônia Z-13 de Copacabana (A) e embarcação típica do Quadrado da Urca, para passeio e pesca esportiva (B)	II.5.2.1–99/124
FIGURA II.5.2.52 – Exemplar de piraúna (A) e desembarque de pescadinha (B)	II.5.2.1–100/124
FIGURA II.5.2.53 – Barcos com Casaria Médios e Grandes, na Colônia de Pescadores de Ramos (A) e Caícos e Barcos com Casaria Pequenos e Médios, na Colônia de Pescadores de Ilha do Governador	II.5.2.1–101/124
FIGURA II.5.2.54 – Caíco e Barcos de Casaria Médios, na Colônia de Pescadores de Sepetiba (A) e lanchas de fibra e de alumínio – Barcos sem Casaria Pequenos – na Associação da Praia dos Amores (B)	II.5.2.1–102/124
FIGURA II.5.2.55 – Barcos sem Casaria Pequenos na orla à frente da Colônia de Pescadores de Copacabana (A) e Barcos com Casaria Pequenos, Médios e Grandes para passeio, no Quadrado da Urca (B)	II.5.2.1–102/124
FIGURA II.5.2.56 – Abordagens realizadas no cais da Praia da Armação (A e B)	II.5.2.1–106/124
FIGURA II.5.2.57 – Barcos sem motores e escunas de turismo (A) e Barcos sem motores e Barcos com Casaria Pequenos e Médios (B), todos na Praia da Armação	II.5.2.1–108/124
FIGURA II.5.3.1 – Mapa com as áreas prioritárias para conservação das zonas marinhas e costeiras presentes na área de estudo	II.5.3–8/30
FIGURA II.5.3.2 – Localização das baleias-jubarte monitoradas entre 2001 e 2012 indicando dois padrões distintos de migração: um mais costeiro e outro mais oceânico	II.5.3–20/30
FIGURA II.5.3.8.1.3 – Mapa com as áreas de concentração de algas laminárias e algas calcárias, de acordo levantamentos efetuados na região	II.5.3–27/30
FIGURA II.7.2.1.1 – Principais processos de intemperismo que atuam na mancha de óleo após o vazamento	II.7–101/269
FIGURA II.7.2.1.2 – Persistência de óleo em ambientes marinhos costeiros mais protegidos e abertos	II.7–125/269
FIGURA II.7.2.1.3 – Tempo de recuperação do bentos no litoral	II.7–126/269
FIGURA II.7.2.2.1 – Comunidades com área de pesca sobreposta à área dos blocos	II.7–195/269
FIGURA II.7.2.2.2 – Comunidades com frotas de ampla atuação e com área de pesca sobreposta à rota das embarcações de apoio	II.7–200/269
FIGURA II.7.2.2.3 – Comunidades com frotas com atuação restrita à Baía de Vitória e ao canal de acesso	II.7–204/269
FIGURA II.8.1 – Localização dos poços a serem perfurados pela Statoil na Bacia do Espírito Santo	II.8–2/8

ÍNDICE DE FIGURAS	PÁGINA
FIGURA II.8.2 – Rota das embarcações de apoio	II.8–6/8
FIGURA II.8.3 – Área de Influência da Atividade de Perfuração Marítima de Poços nos Blocos <i>ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743</i> , situados na Bacia do Espírito Santo	II.8–8/8
FIGURA II.9.1 – Localização dos Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743, na Bacia do Espírito Santo	II.9-1/316
FIGURA II.9.2 – Componentes necessários para o Cálculo do Risco Ambiental	II.9-3/316
FIGURA II.9.3 – Etapas para o cálculo do Risco Operacional	II.9-4/316
FIGURA II.9.4 – Etapas para o cálculo da probabilidade de um CVA/SVA ser atingido por óleo, em cada faixa de volume	II.9-8/316
FIGURA II.9.5 – Representação esquemática de um cenário probabilístico, detalhando a direita os valores de área em cada elemento de grade com suas respectivas cores representando a probabilidade	II.9-9/316
FIGURA II.9.6 – Fluxograma com as etapas para o cálculo do Risco Ambiental	II.9-10/316
FIGURA II.9.7 – Fluxograma com as etapas para o cálculo do Risco Ambiental e Tolerabilidade	II.9-14/316
FIGURA II.9.2.1 – Tipos de incidentes mais comunicados à ANP para unidade marítimas de perfuração em 2013	II.9-27/316
FIGURA II.9.2.2 – Incidentes comunicados à ANP por segmento em 2013	II.9-28/316
FIGURA II.9.3.1 – Modelo de APR	II.9-49/316
FIGURA II.9.3.2 – Distribuição dos cenários acidentais na matriz de risco	II.9-107/316
FIGURA II.9.4.1.1 – Probabilidade de presença de óleo em superfície para o CENÁRIO 1 (Janeiro a Junho; volume: 8 m ³ ; 30 dias de simulação)	II.9-124/316
FIGURA II.9.4.1.2 – Probabilidade de presença de óleo em superfície para o CENÁRIO 2 (Julho a Dezembro; volume: 8m ³ ; 30 dias de simulação)	II.9-125/316
FIGURA II.9.4.1.3 – Probabilidade de presença de óleo em superfície para o CENÁRIO 3 (Janeiro a Junho; volume: 200 m ³ ; 30 dias de simulação)	II.9-126/316
FIGURA II.9.4.1.4 – Probabilidade de presença de óleo em superfície para o CENÁRIO 4 (Julho a Dezembro; volume: 200 m ³ ; 30 dias de simulação)	II.9-127/316
FIGURA II.9.4.1.5 – Probabilidade de presença de óleo em superfície para o CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho; volume: 672.600 m ³ ; 60 dias de simulação)	II.9-128/316
FIGURA II.9.4.1.6 – Probabilidade de presença de óleo em superfície para o CENÁRIO 6 (Julho a Dezembro; volume: 672.600 m ³ ; 60 dias de simulação)	II.9-129/316
FIGURA II.9.4.2.1 – Componentes e Subcomponentes de Valor Ambiental identificados	II.9-130/316
FIGURA II.9.4.2.2 – Localização dos manguezais na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 6 (Julho a Dezembro), pior caso	II.9-135/316
FIGURA II.9.4.2.3 – Localização dos manguezais na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho), pior caso	II.9-136/316
FIGURA II.9.4.2.4 – Localização dos estuários na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 6 (Julho a Dezembro), pior caso	II.9-145/316
FIGURA II.9.4.2.5 – Localização dos estuários na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho), pior caso	II.9-146/316
FIGURA II.9.4.2.6 – Localização das praias arenosas na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 6 (julho a dezembro), pior caso	II.9-150/316
FIGURA II.9.4.2.7 – Localização das praias arenosas na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho), pior caso	II.9-151/316
FIGURA II.9.4.2.8 – Localização dos costões rochosos na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 6 (Julho a Dezembro), pior caso	II.9-156/316
FIGURA II.9.4.2.9 – Localização dos costões rochosos na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho), pior caso	II.9-157/316
FIGURA II.9.4.2.10 – Localização das marismas na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 6 (Julho a Dezembro), pior caso	II.9-163/316

ÍNDICE DE FIGURAS	PÁGINA
FIGURA II.9.4.2.11 – Localização das marismas na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho), pior caso	II.9-164/316
FIGURA II.9.4.2.12 – Localização dos recifes de corais na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 6 (Julho a Dezembro), pior caso	II.9-170/316
FIGURA II.9.4.2.13 – Localização dos recifes de corais na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho), pior caso	II.9-171/316
FIGURA II.9.4.2.14 – Área de concentração de recursos pesqueiros oceânicos na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 6 (Julho a Dezembro), pior caso	II.9-177/316
FIGURA II.9.4.2.15 – Área de concentração de recursos pesqueiros oceânicos na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho), pior caso	II.9-178/316
FIGURA II.9.4.2.16 – Área de concentração de recursos pesqueiros costeiros na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 6 (Julho a Dezembro), pior caso	II.9- 179/316
FIGURA II.9.4.2.17 – Área de concentração de recursos pesqueiros costeiros na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho), pior caso	II.9-180/316
FIGURA II.9.4.2.18 – Taxa de depuração de recursos pesqueiros após contaminação por óleo	II.9-185/316
FIGURA II.9.4.2.19 – Área de ocorrência não reprodutiva de tartarugas na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 6 (Julho a Dezembro), pior caso	II.9-190/316
FIGURA II.9.4.2.20 – Área de ocorrência não reprodutiva de tartarugas na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho), pior caso	II.9-191/316
FIGURA II.9.4.2.21 – Área de desova de tartarugas marinhas na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 6 (Julho a Dezembro), pior caso	II.9-200/316
FIGURA II.9.4.2.22 – Área de desova de tartarugas marinhas na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho), pior caso	II.9-201/316
FIGURA II.9.4.2.23 – Área de ocorrência de cetáceos nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 6 (Julho a Dezembro), pior caso	II.9-204/316
FIGURA II.9.4.2.24 – Área de ocorrência de cetáceos nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho), pior caso	II.9-205/316
FIGURA II.9.4.2.25 – Quatro membros do grupo AT1 próximo ao Exxon Valdez menos de 24h após o vazamento	II.9-210/316
FIGURA II.9.4.2.26 – Área de ocorrência de populações residentes de <i>Sotalia guianensis</i> (boto-cinza) na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 6 (Julho a Dezembro), pior caso	II.9-213/316
FIGURA II.9.4.2.27 – Área de ocorrência de populações residentes de <i>Sotalia guianensis</i> (boto-cinza) na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho), pior caso	II.9-214/316
FIGURA II.9.4.2.28 – Área de ocorrência de populações de <i>Pontoporia blainvillei</i> (toninha) nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 6 (Julho a Dezembro), pior caso	II.9-216/316
FIGURA II.9.4.2.29 – Área de ocorrência de populações de <i>Pontoporia blainvillei</i> (toninha) nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho), pior caso	II.9-217/316
FIGURA II.9.4.2.30 – Área de reprodução de baleia-jubarte (<i>Megaptera novaeagliae</i>) na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 6 (Julho a Dezembro), pior caso	II.9-220/316
FIGURA II.9.4.2.31 – Área de reprodução de baleia-jubarte (<i>Megaptera novaeagliae</i>) na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho), pior caso	II.9-221/316
FIGURA II.9.4.2.32 – Área de concentração reprodutiva de baleia-franca-austral (<i>Eubalena australis</i>) nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 6 (Julho a Dezembro), pior caso	II.9-223/316
FIGURA II.9.4.2.33 – Área de concentração reprodutiva de baleia-franca-austral (<i>Eubalena australis</i>) nas áreas com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho), pior caso	II.9-224/316
FIGURA II.9.4.2.34 – Áreas de concentração de avifauna marinha costeira na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 6 (Julho a Dezembro), pior caso	II.9-230/316
FIGURA II.9.4.2.35 – Áreas de concentração de avifauna marinha costeira na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho), pior caso	II.9-231/316

ÍNDICE DE FIGURAS	PÁGINA
FIGURA II.9.4.2.36 – Áreas de ocorrência de avifauna marinha oceânica na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 6 (Julho a Dezembro), pior caso	II.9-232/316
FIGURA II.9.4.2.37 – Áreas de ocorrência de avifauna marinha oceânica na área com probabilidades de chegada de óleo, no CENÁRIO 5 (Janeiro a Junho), pior caso	II.9-233/316
FIGURA II.9.4.3.1 – Probabilidade de presença de óleo no CVA – Avifauna Marinha Costeira nos cenários 5 e 6	II.9-244/316
FIGURA II.9.4.3.2 – Probabilidade de presença de óleo nos CVAs Avifauna Marinha Oceânica, Cetáceos e Tartarugas Marinhas nos cenários 1 e 2	II.9-246/316
FIGURA II.9.4.3.3 – Probabilidade de presença de óleo nos CVAs Avifauna Marinha Oceânica, Cetáceos e Tartarugas Marinhas nos cenários 3 e 4	II.9-247/316
FIGURA II.9.4.3.4 – Probabilidade de presença de óleo nos CVAs Avifauna Marinha Oceânica, Cetáceos e Tartarugas Marinhas nos cenários 5 e 6	II.9- 248/316
FIGURA II.9.4.3.5 – Probabilidade de presença de óleo no SVA – Cetáceos – Boto-cinza (<i>Sotalia guianensis</i>) nos cenários 5 e 6	II.9-250/316
FIGURA II.9.4.3.6 – Probabilidade de presença de óleo no SVA – Cetáceos – Toninha (<i>Pontoporia blainvillei</i>) nos cenários 5 e 6	II.9-252/316
FIGURA II.9.4.3.7 – Probabilidade de presença de óleo no SVA – Cetáceos – Reprodução de Baleia Jubarte (<i>Megaptera novaeangliae</i>) nos cenários 5 e 6	II.9-254/316
FIGURA II.9.4.3.8 – Probabilidade de presença de óleo no SVA – Cetáceos – Reprodução de Baleia Franca (<i>Eubalena australis</i>) nos cenários 5 e 6	II.9-256/316
FIGURA II.9.4.3.9 – Probabilidade de presença de óleo no SVA – Área de Desova de Tartarugas Marinhas nos cenários 5 e 6	II.9-258/316
FIGURA II.9.4.3.10 – Probabilidade de presença de óleo no CVA – Recursos Pesqueiros Costeiros nos cenários 3 e 4	II.9-260/316
FIGURA II.9.4.3.11 – Probabilidade de presença de óleo no CVA – Recursos Pesqueiros Costeiros nos cenários 5 e 6	II.9-261/316
FIGURA II.9.4.3.12 – Probabilidade de presença de óleo no CVA – Recursos Pesqueiros Oceânicos nos cenários 1 e 2	II.9-263/316
FIGURA II.9.4.3.13 – Probabilidade de presença de óleo no CVA – Recursos Pesqueiros Oceânicos nos cenários 3 e 4	II.9-264/316
FIGURA II.9.4.3.14 – Probabilidade de presença de óleo no CVA – Recursos Pesqueiros Oceânicos nos cenários 5 e 6	II.9-265/316
FIGURA II.9.4.3.15 – Probabilidade de presença de óleo no CVA – Praias Arenosas Expostas e Abrigadas nos cenários 5 e 6	II.9-267/316
FIGURA II.9.4.3.16 – Probabilidade de presença de óleo no CVA – Costões Rochosos nos cenários 5 e 6	II.9-269/316
FIGURA II.9.4.3.17 – Probabilidade de presença de óleo no CVA – Marismas no cenário 5	II.9-270/316
FIGURA II.9.4.3.18 – Probabilidade de presença de óleo no CVA – Manguezais nos cenários 5 e 6	II.9-272/316
FIGURA II.9.4.3.19 – Probabilidade de presença de óleo no CVA – Estuários nos cenários 5 e 6	II.9-274/316
FIGURA II.9.4.3.20 – Probabilidade de presença de óleo no CVA – Recifes de Corais nos cenários 5 e 6	II.9-276/316
FIGURA II.9.5.1 – Risco Ambiental de todos os Componentes e Subcomponentes de Valor Ambiental para cada cenário de vazamento	II.9-280/316
FIGURA II.9.6.1 – Tolerabilidade de cada Componente e Subcomponente de Valor Ambiental, para cada cenário de vazamento de óleo	II.9-284/316
FIGURA II.11.1.1 – Mapa de Localização dos poços nos Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743, na Bacia do Espírito Santo	II.11.1-2/12
FIGURA II.11.1.2 – Mapa de espessura máxima de sólidos depositados no fundo oceânico considerando todos os casos determinísticos de verão (esquerda) e inverno (direita)	II.11.1-3/12

ÍNDICE DE FIGURAS	PÁGINA
FIGURA II.11.1.3 – Esquema de transecto radial para inspeção de fundo através de ROV sobre e no entorno de cada locação pretendida para os Poços (598-A, 598-B, 671-A, 671-B, 673-A, 673-B, e 743-A, 743-B), a serem perfurados no Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M-743, Bacia do Espírito Santo	II.11.1-6/12
FIGURA II.11.5.1 – Ações iniciais a ser tomadas pelo técnico de bordo para o manejo de avifauna na unidade de perfuração	II.11.5-3/14
FIGURA II.11.5.2 – Fluxo de comunicação para atendimento a aves encontradas na unidade de perfuração durante atividade de perfuração marítima nos Blocos ES-M-598, ES-M-671, ES-M-673 e ES-M- 743, na Bacia do Espírito Santo	II.11.5-4/14
FIGURA II.11.5.3 – Instalações por onde serão transportados os animais que necessitem ser translocados, desde a unidade de perfuração até a área de soltura	II.11.5-6/14
FIGURA II.11.5.4 – Etapas do manejo de avifauna encontrada na unidade de perfuração e que necessite translocação	II.11.5-6/14
FIGURA II.11.5.5 – Rota estimada das embarcações de apoio e aeronaves	II.11.5-9/14

ÍNDICE DE MAPAS	PÁGINAS
MAPA II.5.1.2.1 – Mapa Estrutural	II.5.1.2-Anexo A
MAPA II.5.1.2.2 – Mapa Fisiográfico	II.5.1.2-Anexo C
MAPA II.5.1.2.3 – Mapa Faciológico	II.5.1.2-Anexo D
MAPA II.5.2.1 – Área de Pesca de Marataízes	II.5.2-112/124
MAPA II.5.2.2 – Área de Pesca de Itapemirim	II.5.2-113/124
MAPA II.5.2.3 – Área de Pesca de Piúma	II.5.2-114/124
MAPA II.5.2.4 – Área de Pesca de Anchieta	II.5.2-115/124
MAPA II.5.2.5 – Área de Pesca de Guarapari	II.5.2-116/124
MAPA II.5.2.6 – Área de Pesca de Vila Velha	II.5.2-117/124
MAPA II.5.2.7 – Área de Pesca de Vitória	II.5.2-118/124
MAPA II.5.2.8 – Área de Pesca de Serra	II.5.2-119/124
MAPA II.5.2.9 – Área de Pesca de Aracruz	II.5.2-120/124
MAPA II.5.2.10 – Área de Pesca de Linhares	II.5.2-121/124
MAPA II.5.2.11 – Área de Pesca do Rio de Janeiro	II.5.2-122/124
MAPA II.5.2.12 – Área de Pesca de Búzios	II.5.2-123/124
MAPA II.5.2.1.1 – Área de Pesca Industrial	II.5.2-124/124
MAPA II.5.3.1 – Mapa da Síntese da Qualidade Ambiental	II.5.3.1-29/30
MAPA II.5.3.2 – Mapa dos Empreendimentos e Atividades de Petróleo e Gás na Bacia do Espírito Santo	II.5.3.2-30/30